



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

O enredo dos nervos: a escrita etnogr?fica da dor como est?tica das margens

Autoria: Everton de Oliveira

Desde sua virada modernista, como classificava Roy Wagner, a antropologia preocupa-se com o problema do ?presente etnogr?fico?, aquele efeito que situaria o etn?grafo no tempo daqueles com os quais, por alguns meses, convivia. Desde ent?o, partilhar experi?ncias com mulheres e homens que, por ventura, tornavam-se nossos interlocutores de pesquisa, transformou-se na pedra de toque do fazer etnogr?fico. Partindo dessa quest?o, busco analisar como a gram?tica da dor, que regia os modos de percep??o do tempo em uma col?nia alem? do sul do Brasil, possibilitou a composi??o de minha pr?pria narrativa etnogr?fica. O work de campo foi realizado ao longo de 2015 e 2016, em S?o Martinho, uma col?nia alem? da regi?o da Encosta da Serra (RS), quando vivi em uma de suas vilas, a Vila dos Klein. Na col?nia, falar sobre tempo era falar sobre sua rela??o com a dor, sobre os modos como se fala sobre a dor, assim como sobre os modos pelo qual se vive a dor, na rela??o cotidiana de seus moradores. Isso era sinteticamente categorizado como "sair de casa". Sair para se relacionar, na rotina da vila. Mas, fruto de muita dedica??o, de muito "cuidado", a rotina n?o era certa. Dependia de uma boa economia do tempo, nesse c?lculo alem?o. Pois caso o tempo fosse por demais escasso, ent?o a ang?stia se sobressa?a ao agrad?vel da vila. Homens e mulheres punham-se a ficar "nervosos", "depressivos", outros ainda "sofriam". De minha parte, foi exatamente isso que me permitiu viver a vila. Meus "nervos" acabaram abrindo-me aos "cuidados" de meus vizinhos e vizinhas, ? sua aten??o, a uma certa administra??o de palavras, movimentos e conv?vio para o qual eu era convidado a partilhar. Da parte de meus vizinhos, o sil?ncio muitas vezes surgia como possibilidade de lidar com o cotidiano, como sua gram?tica mais adequada. E aqui estava o problema. Essencialmente uma composi??o, a etnografia tende ? viol?ncia em rela??o ? experi?ncia vivida, ? partilha dos tempos, e ? pr?pria gram?tica da dor. O corpo do etn?grafo ou da etn?grafa se torna, aqui, uma situa??o nodal. Pois fruto ele mesmo dessa condi??o pol?tica de exist?ncia, ele se encontra situado sempre ? margem de uma completude, em dores e ang?stias muitas vezes n?o significadas. A narrativa etnogr?fica se situava justamente nessa fissura sens?vel, da partilha da



dor, da partilha de um tempo. Tornava-se, assim, um ato indefinido de partilhas. Pois não houve, em meu caso, uma barreira ultrapassada que permitiu o acesso ao presente etnográfico ou à lógica elementar da experiência afetiva dos colonos: quando um mundo se faz pela gramática da dor, sua tendência à incompletude prolonga indefinidamente suas margens, da ética à estética. O que restava era partilhar, meu tempo, as margens de São Martinho, no enredo do meu nervoso.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

